

ADRIANA BEBIANO

a-virada.com/adriana-bebiano.html

"O SOL PASMADO NO CANTO DO BARULHO" UMA LEITURA DE *ONDE O LUGAR (WHERE THE PLACE)* DE SANDRA GUERREIRO (RECENSÃO)

Todas as leituras são fruto de um lugar e de um tempo. Assim esta minha, do livro de poemas de Sandra Guerreiro, *Onde o lugar | Where the Place* (Glaciar, 2019), edição bilingue, com versão inglesa da poeta Anna Reckin.

A poesia é muitas vezes um lugar de consolo – um abrigo, um sossegar do ruído do mundo. Ora, não é isso que encontramos nos poemas de Sandra Guerreiro, neste livro acabado de sair. Antes, a perturbação, a opacidade que tomamos por ausência de sentido, quando é o sentido – a ordem das coisas – que procuramos nestes dias difíceis de quarentena.

A Sandra Guerreiro é outra estirpe de poeta – procura o não-sentido em jogos de palavras que não se deixam aprisionar nem pela sintaxe, nem pela relação com um referente que se escapa, nem mesmo pelo sentido oferecido pela metáfora, essa figura de linguagem omnipresente e lugar de refúgio no poema.

Abro na página 43 e logo sou assaltada pelo estranhamento: “onde o lugar se aloja/buraco/na cova do buraco da pele// um andor prostrado ao largo/ do sangue vivo// bafo de sobranceira ao acender// gomo de mar pelas vírgulas/ trocadas à nascença”.

Eis um exemplo de como o poema se recusa à metáfora, recorrendo a significantes de áreas semânticas diversas, de cujo alinhamento não resultam “imagens” – isto é, não resulta sentido, ou a ordem das coisas. Falamos de uma linguagem deliberadamente desconjuntada, que traz para primeiro plano a impossibilidade de dizer o mundo. De facto, poucos são os versos que nos trazem esse consolo da ordem – “a memória do tempo na pele pousado” (15) ou “o sol pasmado no canto do barulho” (29) ou “uma força de âncora” (31).

No posfácio diz-nos Anna Reckin que se encontra aqui uma “expansividade quase-abstrata (...)[e] precisão dos detalhes específicos” (53). Ora, antes digo que dos “detalhes específicos”, enunciados sem associação semântica ou sonora, resulta uma abstração, que não remete para o mundo, mas sim para a própria linguagem encerrada na sua opacidade e no seu *não-dizer*.

Como viver sem uma ideia de ordem? A compulsão humana para fazer sentido – por muito improvável ou errado que seja – persegue-nos: o sem sentido é-nos insuportável.

Daí que seja interessante compaginar os poemas originais com a sua tradução. Assim, “baga/ de encolher o silêncio/ na boca” (15) é transformado em “silence/ shrunk to a berry/ in the mouth” (14), uma metáfora perfeitamente compreensível e satisfatória, mas bem diversa da dinâmica linguística do português original. Ou ainda: “ficaríamos nómadas para sabermos/ escolher as terras para plantação” (23) na voz de Rackin surge como “let’s become wanderers, so we’ll know/ to choose which fields to plant” (22). Se o poema – todos os poemas – da Sandra Guerreiro escapam à prisão da sintaxe, no inglês Anna Reckin “corrige”; assim, em inglês, é-nos oferecido um (belíssimo) sentido – uma espécie de dito de sabedoria para estes dias, digo eu, deste meu lugar. Porém, ganha-se em sentido o que se perde em espanto na versão da Sandra.

Vale dizer que a Sandra Guerreiro fez parte do grupo “Oficina de Poesia”, criado e coordenado durante duas décadas por Graça Capinha, na Universidade de Coimbra, cujos debates e performances animaram os espaços da cidade. Foi também poeta convidada no *VI Encontro Internacional de Poetas* (2004), organizado pelo Grupo de Estudos Anglo-Americanos da UC. Esse, foi o tempo de Coimbra. A Sandra vive há vários anos em Londres, e é de lá que nos chega este seu primeiro livro. “O respirar marca-se feroz” (49).

Coimbra, 15 de março de 2020

